

PEQUENOS GRUPOS



O

SE
EGRE
DO

TUDO QUE VOCÊ
PRECISA SABER
PARA VIVER LIVRE



cap.4

Daniel





UM LIVRO CHAMADO

Daniel





BABILÔNIA X JERUSALÉM

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“ORA, A ESTES QUATRO JOVENS DEUS DEU O CONHECIMENTO E A INTELIGÊNCIA EM TODA CULTURA E SABEDORIA; MAS A DANIEL DEU INTELIGÊNCIA DE TODAS AS VISÕES E SONHOS” - DANIEL 1:17 (ARA)

O livro de Daniel começa com um confronto militar: Babilônia contra Jerusalém. Porém, além da guerra local que envolvia os dois reinos históricos, o autor apresenta ainda o conflito universal. É um movimento de usurpação por parte da Babilônia. O povo de Deus e os utensílios sagrados do Templo se converteram em propriedade de Nabucodonosor (Daniel 1:1, 2). Acorrentados, desarraigados, os judeus perderam tudo. O passado, a esperança, as identidades, os valores; tudo fora comprometido. Babilônia tem substituído Jerusalém. Nabucodonosor tem substituído ao Deus de Judá e o pior é que esses acontecimentos representam o juízo de Deus: “O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá” (Daniel 1:2).

Nabucodonosor colocou os vasos de Jeová em Esagila, o templo de Marduk, o deus chefe da Babilônia. Ele queria exaltar Marduk e humilhar Jeová, afirmando que o Deus de Israel estava sujeito ao seu deus. Essa ação, por parte do rei, daria a Jeová uma excelente oportunidade para demonstrar duas coisas. Primeiro, o Senhor não está sujeito a ninguém, ele é o Soberano do universo. E segundo, foi o Senhor, e não Marduk, quem deu a Nabucodonosor a vitória.

Daniel declara que homens da nobreza foram escolhidos. Os jovens judeus eram de 15 a 20 anos de idade, estavam em excelente condição física, eram bonitos na aparência e afiados intelectualmente. Eles deveriam ser ensinados nos escritos e na língua dos caldeus. Os caldeus eram a classe privilegiada, a elite de várias classes de homens sábios



na Babilônia. Os reis da Babilônia pertenciam a esta classe. A pretensão era mudar a mente e o coração daqueles jovens, fazer com que eles se esquecessem do seu Deus, mudando a cultura, língua, comida, vestimenta, identidade e até o nome (caráter).

Os nomes foram mudados: Daniel (Deus é meu juiz) virou Beltessazar (Príncipe de Bel); Ananias (Yahweh é gracioso) virou Shadrach (Comando de Aku); Misael (Quem é como Deus?) virou Mesaque (Quem é como Aku?); e Azarias (Javé ajudou) virou Abednego (Servo de Nebo). Bel, Aku, e Nebo eram deuses babilônicos.

Durante toda sua vida, Daniel se recusou a aceitar a identidade babilônica. Ele resolveu firmemente não contaminar-se com as finas iguarias do



rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se (Daniel 1:8). Dez dias fizeram a diferença. Com seus atos, ele demonstrou sua fé no Criador. Ele escolheu a dieta proposta pelo Senhor (Gênesis 1:29). Com isso, Daniel nos ensina que a fé inclui nossa vida espiritual e nosso corpo.

O Senhor diz: “aos que me honram, honrarei” (1 Samuel 2:30). Deus honrou seu filho na Babilônia. Deus estava em primeiro lugar para ele. Nada devia interferir em sua comunhão com Deus, por isso cuidava de sua alimentação (saúde). Era um homem de oração, especialmente nos momentos de necessidade.

No primeiro capítulo de Daniel, vemos Jerusalém derrotada e cativa. No final do capítulo, quem é subjugada, derrotada e passa pelo esquecimento na história é Babilônia; e os descendentes de Jerusalém, sobrevivem ao cativeiro. Por outro lado, Daniel 1 apresenta que a queda de Babilônia é o cumprimento das promessas de Deus. O Senhor prepara para seus filhos uma salvação de dimensões históricas e repercussões cósmicas. Deus cumpre suas promessas (2 Crônicas 36:21-23; Isaías 45:1-13).

“Assim como Deus chamou Daniel para testemunhar por ele em Babilônia, Ele nos chama para sermos testemunhas Suas no mundo hoje” (Ellen White, Profetas e Reis, p. 247).

PAUSA PARA DISCUSSÃO

- 1. Você acha que o mundo em que vivemos hoje está tentando mudar nosso estilo de vida, vestimentas e até nosso caráter, assim como aconteceu com Daniel na Babilônia?**
- 2. Mesmo que as coisas pareçam descontroladas, você tem visto o agir de Deus em sua vida?**





VERDADEIRA X FALSA REVELAÇÃO

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“... TU ÉS A CABEÇA DE OURO” - DANIEL 2:38

Os acontecimentos de Daniel 2 servem para revelar o poder e a fidelidade do Deus de Israel. Nesse capítulo, Daniel apresenta o contraste entre a revelação de Deus e os costumes pagãos para conhecer o futuro, como olhar o fígado de animais, consultar agoureiros, praticar cartomancia, consultar os mortos ou praticar a adivinhação. Tais práticas são condenadas por Deus na Bíblia (Levítico 19:31; 20:27; Êxodo 22:18; Isaías 8:19, 20). O capítulo enfatiza também que cultivar sempre o temor de Deus dá sabedoria e poder, além de nos unir a Ele e nos tornar fortes. Mostra que Deus nos chamou para sermos testemunhas de Seu amor e para revelar Sua vontade para aqueles que não O conhecem.

O capítulo revela que Nabucodonosor esqueceu o que havia sonhado. Na Babilônia, se um homem esquece seu sonho, isto queria dizer que seu deus estava irritado com ele. Nabucodonosor queria conhecer a única explicação possível e verdadeira de seu sonho. Como os adivinhos não conseguiram revelar o sonho, nem sua interpretação, o rei decretou a morte de todos eles.

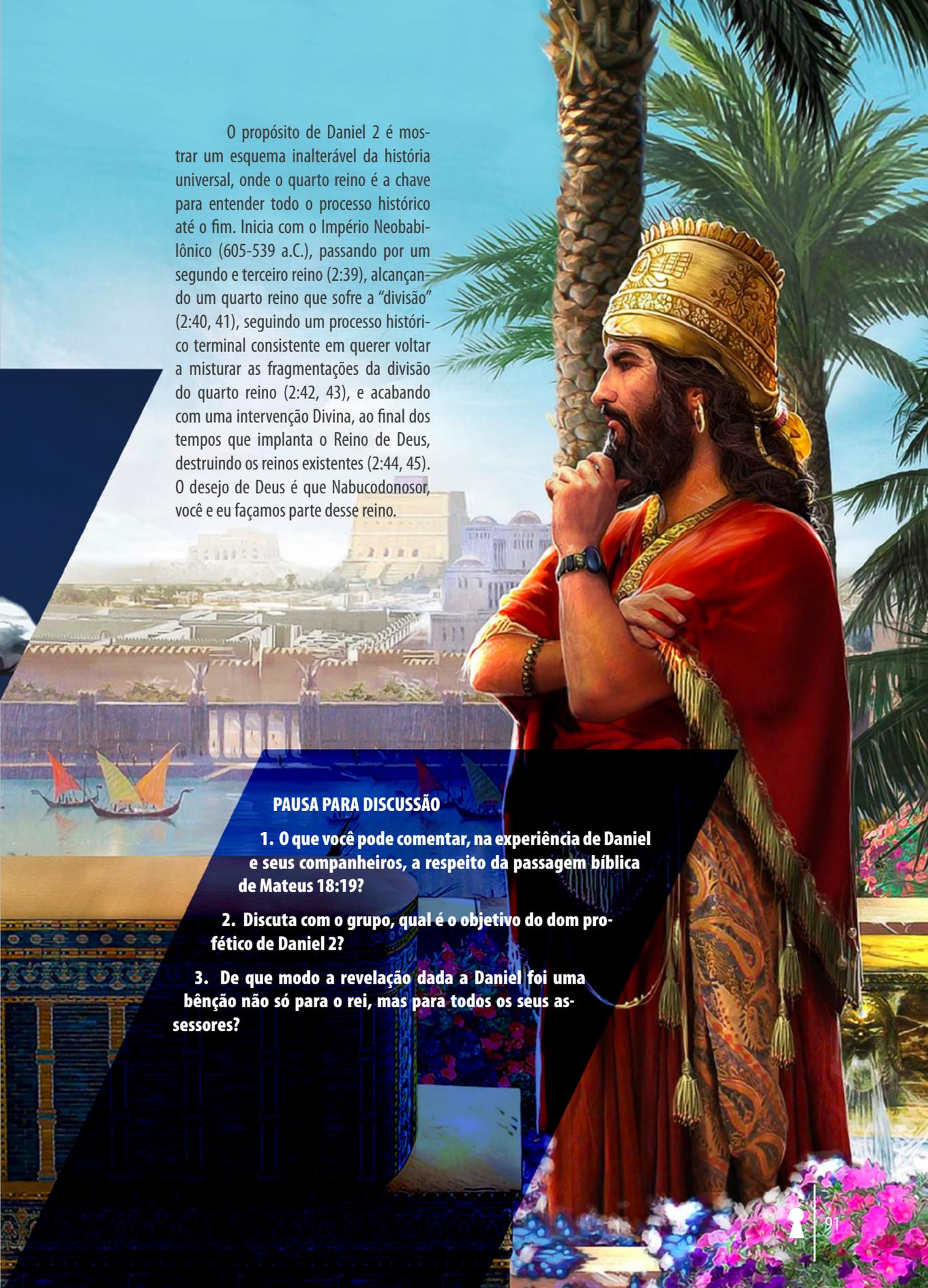
Assírios e babilônios eram conhecidos por sua crueldade. Cortar em pedaços os corpos dos inimigos e queimar suas casas eram práticas comuns na antiga Mesopotâmia. Daniel e seus companheiros também deveriam morrer. Diante disso, Daniel informa ao rei que “há um Deus no céu, o qual revela os mistérios” (Daniel 2:28).

A frase chave em todo o livro é “o Deus do Céu”. O Deus do Céu responde; o Deus do Céu revela os mistérios; o Deus do Céu controla a história e revela os segredos. A resposta de Deus abrange mais que o destino do profeta; o que estava em jogo era o destino do mundo. Daniel recebe a revelação e louva a Deus; logo depois ele é conduzido para dar a revelação e a interpretação ao rei Nabucodonosor.



Por meio desse sonho, Deus revelou a história da humanidade, o juízo e o estabelecimento do reino eterno. Daniel falou: “tu és a cabeça de ouro” (Daniel 2:38). Cabeça é início, o começo no hebraico. Jeremias compara Babilônia a uma taça de ouro (Jeremias 51:7). Os babilônios também aperfeiçoaram a matemática, com a invenção do círculo de 360 graus e a hora de 60 minutos. Eram politeístas e divinizavam o rei. Nabucodonosor foi o representante e fundador do império Neobabilônico. Babilônia foi o primeiro centro comercial do mundo.





O propósito de Daniel 2 é mostrar um esquema inalterável da história universal, onde o quarto reino é a chave para entender todo o processo histórico até o fim. Inicia com o Império Neobabilônico (605-539 a.C.), passando por um segundo e terceiro reino (2:39), alcançando um quarto reino que sofre a “divisão” (2:40, 41), seguindo um processo histórico terminal consistente em querer voltar a misturar as fragmentações da divisão do quarto reino (2:42, 43), e acabando com uma intervenção Divina, ao final dos tempos que implanta o Reino de Deus, destruindo os reinos existentes (2:44, 45). O desejo de Deus é que Nabucodonosor, você e eu façamos parte desse reino.

PAUSA PARA DISCUSSÃO

1. O que você pode comentar, na experiência de Daniel e seus companheiros, a respeito da passagem bíblica de Mateus 18:19?
2. Discuta com o grupo, qual é o objetivo do dom profético de Daniel 2?
3. De que modo a revelação dada a Daniel foi uma bênção não só para o rei, mas para todos os seus assessores?



FÉ PROVADA NO FOGO



PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“Ó NABUCODONOSOR, QUANTO A ISTO NÃO NECESSITAMOS DE TE RESPONDER. SE O NOSSO DEUS, A QUEM SERVIMOS, QUER LIVRAR-NOS, ELE NOS LIVRARÁ DA FORNALHA DE FOGO ARDENTE E DAS TUAS MÃOS, Ó REI. SE NÃO, FICA SABENDO, Ó REI, QUE NÃO SERVIREMOS A TEUS DEUSES, NEM ADORAREMOS A IMAGEM DE OURO QUE LEVANTASTE” - DANIEL 3:16-18

Pela pressão dos que lhe rodeavam e pela força de seus costumes e tradições, Nabucodonosor, cujo coração não fora ainda transformado, movido pela ambição e o desejo de exaltação própria, aceitou a sugestão de fazer uma imagem para testar a lealdade dos seus súditos. A construção de uma grande estátua de Nabucodonosor e a exigência de que todos, incluindo os hebreus a adorassem, foi a ocasião para o julgamento. A recusa dos amigos de Daniel em seguir este mandato resultou na ira do rei e em uma grande demonstração da realidade e do poder de Deus.

Daniel e seus três amigos haviam recebido posições de liderança e alguns dos líderes babilônios se ressentiam com isso. Sobre os amigos de Daniel, acredita-se que exista associação de Hananias (Shadrach) a Hanumu, designado “chefe dos mercadores reais”; associação de Abede-Nego (Azarias) com Ardi-Nabu, “secretário do príncipe herdeiro” (isso é, Amel-Marduque); e de Misael (Meshach) com Mushallim-Marduque, um dos “superintendentes das moças escravas”. Na primeira oportunidade, os invejosos líderes tentaram se livrar desses intrusos estrangeiros.



Sdraque, Mesaque e Abede-Nego são agora considerados culpados de três acusações feitas contra eles: (1) eles não prestaram atenção ao rei e as suas ordens; (2) eles não serviram aos deuses do rei; e (3) eles se recusaram a adorar a estátua de ouro que o próprio rei havia mandado fazer. A penalidade por tais ações era a morte.

A ira do rei cresceu. A fornalha foi aquecida sete vezes mais que o de costume e os soldados que lançaram os jovens hebreus na fornalha morreram pelo calor do fogo. Os três servos caíram estrepitosamente na fornalha. O rei esperava ver esses jovens hebreus se desintegram, mas a surpresa foi maior. “Então, o rei

Nabucodonosor se espantou, e se levantou depressa, e disse aos seus conselheiros: Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Responderam ao rei: É verdade, ó rei. Tornou ele e disse: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses” (Daniel 3:24, 25).

O rei então convidou os três jovens a saírem do meio do fogo. O rei e seus conselheiros observaram a aparência e as vestimentas dos jovens, e eles não tinham nem cheiro de fumaça. O rei concluiu abençoando o Deus deles e dando um decreto, reconhecendo que só o Deus deles merecia adoração.





Como nos dias de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, no período final da história da Terra, o Senhor operará poderosamente em favor dos que ficarem firmes pelo direito. Aquele que andou com os hebreus valorosos na fornalha ardente, estará com os Seus seguidores em qualquer lugar. Sua constante presença confortará e sustentará. Em meio ao tempo de angústia — angústia como nunca existiu desde que houve nação — Seus servos ficarão firmes. Satanás, com todas as forças do mal, não poderão destruir o mais fraco dos santos de Deus. Anjos magníficos em poder os protegerão, e em favor deles Jeová Se revelará como “Deus dos deuses” (Daniel 2:47), capaz de salvar perfeitamente os que nEle puseram a sua confiança.

PAUSA PARA DISCUSSÃO

- 1. O que você faz quando seus princípios e valores são colocados à prova? Você faz a vontade da maioria?**
- 2. Você está disposto a defender o que crê até a morte?**
- 3. E quando a história se repetir e você for obrigado a transgredir o sábado e guardar o domingo, sob pena de morte, o que você fará?**
- 4. Qual a promessa de Deus para os fiéis dos últimos dias?**





UM PODEROSO RECONHECE O TODO PODEROSO



PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

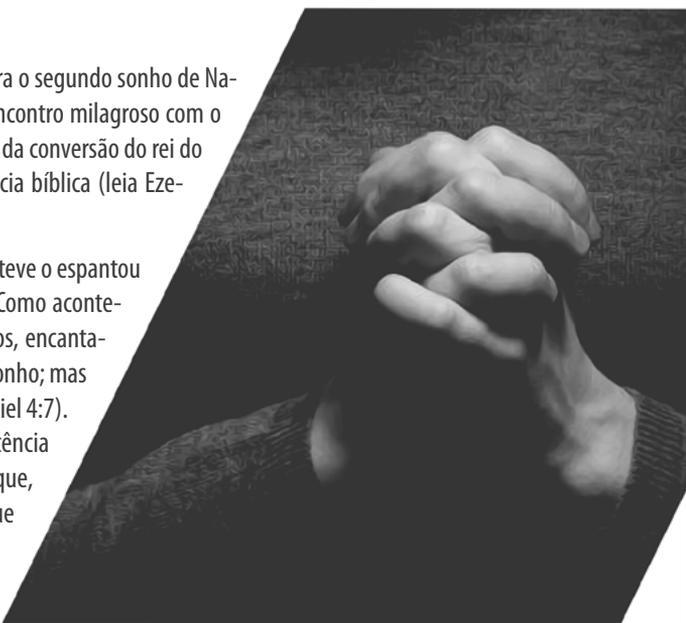
“AGORA, POIS, EU, NABUCODONOSOR, LOUVO, EXALTO E GLORIFICO AO REI DO CÉU, PORQUE TODAS AS SUAS OBRAS SÃO VERDADEIRAS, E OS SEUS CAMINHOS, JUSTOS, E PODE HUMILHAR AOS QUE ANDAM NA SOBERBA” - DANIEL 4:37-5:1

O capítulo 4 registra o segundo sonho de Nabucodonosor, seu terceiro encontro milagroso com o Deus de Israel e o testemunho da conversão do rei do império mais poderoso da profecia bíblica (leia Ezequiel 26:7).

O sonho que Nabucodonosor teve o espantou e perturbou sua mente (Daniel 4:4-5). Como aconteceu anteriormente, ele convocou os magos, encantadores, caldeus e feiticeiros, e lhes contou o sonho; mas não lhe fizeram saber a sua interpretação (Daniel 4:7).

O sonho registrado em Daniel 4 era uma advertência e um conselho para se humilhar e reconhecer que, acima da vontade e poder humanos, está Aquele que governa e rege todas as coisas. Daniel aconselhou o rei a se humilhar, a viver uma vida amorável e servindo a seus semelhantes, a redimir seus pecados com justiça, caso contrário seria “expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo, e dar-te-ão a comer ervas como aos bois, e serás molhado do orvalho do céu; e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (Daniel 4:25).

O rei foi teimoso e obstinado, e a profecia cumpriu-se. Imediatamente, a sentença horrível foi executada: Nabucodonosor caiu em um estranho estado de loucura e começou a agir como um animal. Por causa desse comportamento bizarro, ele passou a conviver longe das pessoas. Ele vivia ao ar livre, com os animais, comeu grama como o gado e ficou exposto ao clima. Seu cabelo ficou emaranhado e grosso e parecia penas de águia; suas unhas, nunca cortadas, tornaram-se como garras. É irônico que o rei, que se



sentia superior aos outros homens, tivesse agora afundado a um nível sub-humano.

Por sete anos, o rei continuou nessa condição até que finalmente caiu em si, arrependeu-se de seu orgulho e reconheceu que Deus era soberano sobre os assuntos dos homens. O outrora orgulhoso rei tinha-se tornado um humilde filho de Deus; o governante tirano e opressor tornara-se um rei sábio e compassivo. Nabucodonosor tinha afinal aprendido a lição que todos os reis precisam aprender — de que a verdadeira grandeza consiste na verdadeira bondade. Ele reconheceu a Jeová como o Deus vivo, dizendo: “Eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do Céu, porque todas as Suas obras são verdadeiras, e os Seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba” (Daniel 4:37).



Depois de tantas evidências do poder de Deus, por fim Nabucodonosor percebeu que o Senhor, não ele mesmo ou os deuses da Babilônia, era soberano. O rei era agora um homem idoso e devia estar ciente de que logo a morte chegaria e, portanto, o fim do seu reinado. No entanto, ele reconheceu que o reino de Deus é eterno e perdura de geração em geração. Nos lábios de um monarca pagão essas afirmações sobre o Deus de Israel são verdadeiramente incríveis!

“O propósito de Deus de que o maior reino do mundo mostrasse o Seu louvor, estava agora cumprido. Esta proclamação pública, em que Nabucodonosor reconhecia a misericórdia, bondade e autoridade de Deus, foi o último ato de sua vida registrado na história sacra” (Ellen G. White, Profetas e Reis, p. 521).

PAUSA PARA DISCUSSÃO

- 1. Qual é o ser que tem governado sua vida?**
- 2. Você é ou conhece alguém dominado pela soberba ou o orgulho?**
- 3. Você costuma amar as coisas e utilizar as pessoas? Reflita.**



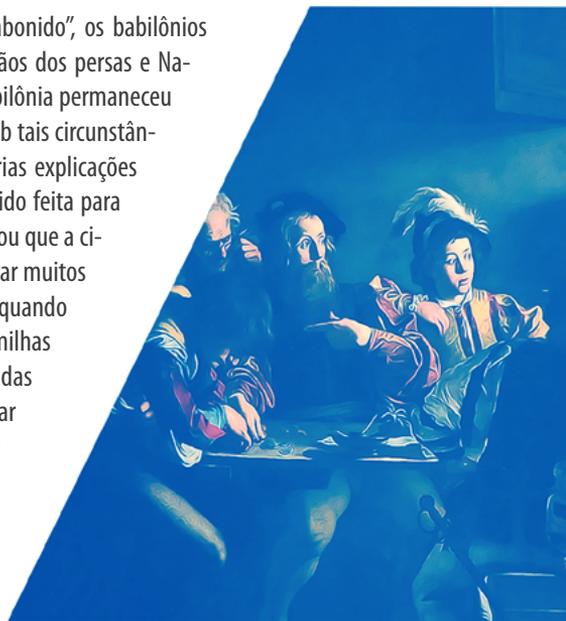
UM REI ALTIVO, JULGADO, DESTITUÍDO E MORTO



PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“TU, BELSAZAR, QUE ÉS SEU FILHO, NÃO HUMILHASTE O TEU CORAÇÃO, AINDA QUE SABIAS TUDO ISTO. E TE LEVANTASTE CONTRA O SENHOR DO CÉU...” - DANIEL 5:22-23

De acordo com a “Crônica de Nabonido”, os babilônios sofreram uma derrota esmagadora nas mãos dos persas e Nabonido fugiu. Apenas a grande cidade de Babilônia permaneceu inconquistada, e a situação parecia sombria. Sob tais circunstâncias, por que Belsazar ofereceria uma festa? Várias explicações foram propostas. Primeiro, a celebração pode ter sido feita para levantar a moral e encorajar seu povo. Heródoto relatou que a cidade estava abastecida com comida suficiente para durar muitos anos. Segundo, o comentário bíblico Shea menciona que quando as notícias da derrota de Nabonido em Sippar, a cinquenta milhas ao norte, e sua posterior fuga (dois dias antes), foram conhecidas em Babilônia, Belsazar moveu-se rapidamente para se proclamar o primeiro governante do império, o rei de fato. Assim, o festival foi a celebração da coroação de Belsazar. Terceiro, um festival regular pode ter sido celebrado de maneira usual, a fim de transmitir aos habitantes da cidade uma sensação de normalidade, apesar das condições caóticas fora dos muros.



Além das explanações dadas, a loucura que Belsazar cometeu foi se rebelar contra Deus, trazendo os utensílios sagrados do Santuário, que tinham sido levados por Nabucodonosor quando este invadiria Jerusalém (ver Daniel 1:2; 5:2-4), e bebendo vinho neles, dando louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra. Então veio o julgamento divino. Uma mão misteriosa escreveu na parede: “MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM” (Daniel 5:25). Como Nabucodonosor, ele procurou os necromantes, sábios e adivinhos, mas ninguém conseguiu decifrar a escrita. Então Daniel

foi convocado para dar interpretações, sendo-lhe oferecido honras e favores se conseguisse decifrar o enigma (Daniel 5:16). A resposta de Daniel foi clara e contundente: “Os teus presentes fiquem contigo, e dá os teus prêmios a outrem; todavia, lerei ao rei a escritura e lhe farei saber a interpretação” (Daniel 5:17).

Daniel não só deu ao rei a tradução do que estava escrito, como também a razão de ter sido julgado, pesado na balança e achado em falta. Foi comunicado a Belsazar que naquela noite o reino seria entregue aos medo-persas.





Belsazar tinha visto, com seus próprios olhos, o que havia acontecido com Nabucodonosor, e ainda assim se recusou a se humilhar diante do Deus Altíssimo. Belsazar elogiou este panteão de ídolos sem vida, mas o Deus vivo, que sustentou sua própria vida (sopro”; cf. Gênesis 2:7) e todos os seus caminhos (seu curso da vida) em sua mão, o rei se recusou a honrar.

Daniel concluiu seu discurso dizendo a Belsazar que era por causa de suas ações blasfemas e desafiantes que a mão foi enviada por parte do Deus vivo (v. 24). As palavras do velho profeta demonstraram grande coragem diante de um monarca que mantinha o poder da vida e da morte sobre ele.

“O tempo presente é de dominante interesse para todo o vivente. Governadores e estadistas, homens que ocupam posições de confiança e autoridade, homens e mulheres pensantes de todas as classes, têm fixa a sua atenção nos fatos que se desenrolam em redor de nós. Acham-se a

observar as relações tensas e inquietas que existem entre as nações. Observam a intensidade que está tomando posse de todo o elemento terrestre, e reconhecem que algo de grande e decisivo está para ocorrer, ou seja, que o mundo se encontra à beira de uma crise estupenda” (Ellen White, Profetas e Reis, p. 274).

PAUSA PARA DISCUSSÃO

1. Belsazar pagou caro por não atribuir a Deus a glória devida ao Seu nome. E quanto a nós, estamos dizendo apenas com nossos lábios que amamos a Deus e que sabemos que tudo é dEle ou reconhecemos isso verdadeiramente?

2. É fácil se corromper com o poder? Como podemos evitar que o poder nos afaste de Deus?





LEALDADE A TODA PROVA

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“DISSERAM, POIS, ESTES HOMENS: NUNCA ACHAREMOS OCASIÃO ALGUMA PARA ACUSAR A ESTE DANIEL, SE NÃO A PROCURARMOS CONTRA ELE NA LEI DO SEU DEUS”

- DANIEL 6:5

Dario não desperdiçou tempo na organização de um governo para o recém conquistado império. Ele nomeou 120 sátrapas para governar todo o reino. Sobre estes 120, foram colocados três líderes, “administradores”, “comissionados” e “presidentes”, e um deles era Daniel. Os sátrapas davam conta de suas atividades a estes três administradores que se asseguravam de que o governo persa “não sofresse perda” ou “injúria”.

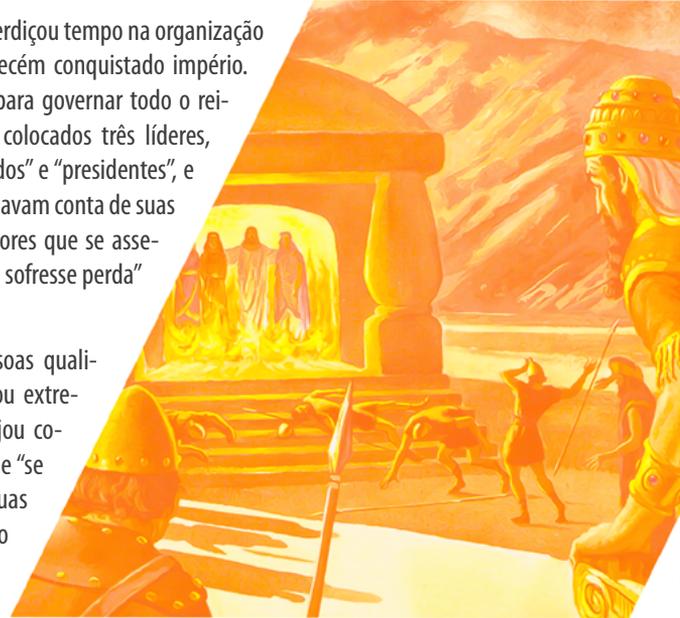
Os medo-persas procuraram pessoas qualificadas dentre os cidadãos locais. Dario ficou extremamente impressionado com Daniel e planejou colocá-lo sobre todos os outros oficiais do reino. Ele “se distinguiu” entre os outros oficiais por causa de suas “qualidades excepcionais”, literalmente, “um espírito excepcional estava nele”.

A graça e o Espírito de Deus eram com Daniel e o rei percebeu que ele tinha um espírito superior. Isso, despertou o ciúme de alguns dos outros oficiais da administração. Eles começaram a examinar as atividades governamentais de Daniel a fim de descobrir alguma falha em seu caráter ou capacidade profissional, para assim acusá-lo diante do rei, mas nada foi encontrado.

Daniel lidava com seus deveres de maneira fiel (confiável). Ele não era politicamente “corrupto” (desonesto), nem “negligente” no desempenho de seu trabalho. No entanto, alguns dos administradores tentaram impedir Daniel de ser nomeado para essa alta posição. Finalmente, esses oficiais ciumentosos, viram que havia apenas uma área em que poderiam encontrar um conflito entre Daniel e o governo

de Dario: sua devoção a Deus. Por saber que Daniel era um monoteísta, planejavam envolvê-lo numa adoração a outros deuses. Assim, a escolha de Daniel seria obedecer “a lei do seu Deus” ou a lei do homem (“as leis dos medos e persas”).

Dois fatos sobre a vida religiosa de Daniel são evidentes nesse texto. Primeiro, as convicções religiosas de Daniel não estavam ocultas. O velho profeta não era um discípulo secreto, mas um homem que não tinha vergonha de deixar que os outros soubessem que sua lealdade era ao Deus de Israel. Em segundo lugar, o compromisso de Daniel era tal que ele não se comprometeria nem mesmo em face à punição com morte.





As Escrituras nos ensinam que necessitamos obedecer a Deus, antes que aos homens. A Lei do Céu tem prioridade sobre as leis dos homens, especialmente, quando as leis dos homens estão em conflito com a Lei de Deus (Atos 5:29).

Corrie Ten Boom quebrou a lei da Alemanha nazista ao esconder judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Mas ela teria quebrado uma lei maior se não tivesse tentado impedir o assassinato de inocentes. Hoje, mais do que nunca, cristãos são chamados a fazer escolhas moralmente decisivas. À medida que o mundo se torna mais e mais secular (e pecaminoso), os crentes encontrar-se-ão cada vez mais tomando posições que são impopulares e posições que podem até violar a lei da terra.

“O Céu está mais próximo daqueles que sofrem por amor da justiça. Cristo identifica os Seus interesses com os interesses do Seu fiel povo; Ele sofre na pessoa dos Seus santos; e seja o que for que toque em Seus esco-

lhidos, toca nEle. O poder que está perto para libertar do dano físico e da angústia está perto também para salvar do mal maior, tornando possível ao servo de Deus manter sua integridade sob todas as circunstâncias, e triunfar através da graça divina” (Ellen White, Profetas e Reis, p. 278).

PAUSA PARA DISCUSSÃO

- 1. É fácil manter seus princípios e levantar a bandeira do cristianismo atualmente?**
- 2. Você já foi perseguido por ser cristão? Comente sua experiência.**



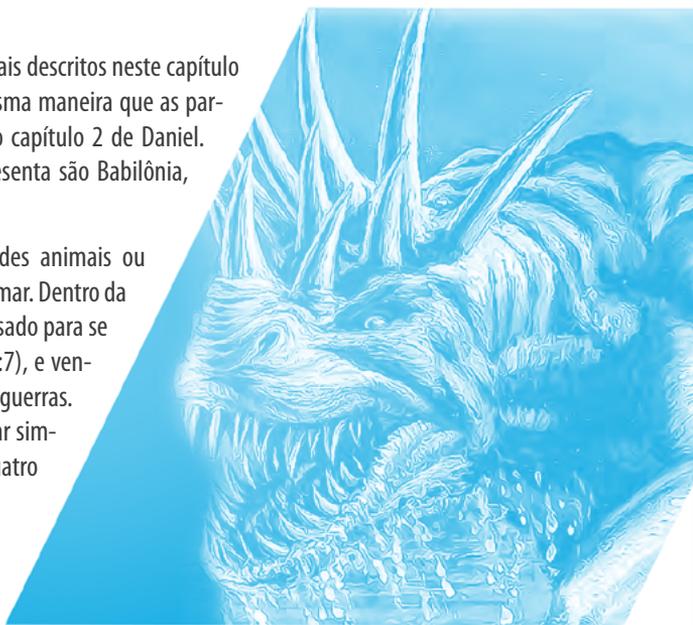
AS BESTAS E O CHIFRE PEQUENO

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“QUATRO ANIMAIS, GRANDES, DIFERENTES UNS DOS OUTROS, SUBIAM DO MAR” - DANIEL 7:3

Os quatro animais descritos neste capítulo são interpretados da mesma maneira que as partes da estátua descritas no capítulo 2 de Daniel. Os reinos que cada um representa são Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.

No verso 3, quatro grandes animais ou bestas são descritas como vindas do mar. Dentro da profecia bíblica, mar é regularmente usado para se referir a multidões ou nações (Salmo 65:7), e ventos representam contendas, problemas e guerras. Logo, os quatro ventos do céu agitando o mar simboliza que do mundo em contenda surgem quatro grandes reinos (Jeremias 49:36; Zacarias 6:5).



A primeira besta, um leão com asas de águia, era um símbolo adequado da Babilônia. Nabucodonosor foi simbolizado como um leão e uma águia (como um leão em Jeremias 4:7; 49:19, 22; 50:17, 44, e como uma águia em Jeremias 49:22; Lamentações 4:19; Ezequiel 17:3; Hebreus 1:8). Estátuas de leões alados foram encontradas nas ruínas da Babilônia, e leões adornavam o famoso Portão de Ishtar.

A segunda besta era um urso, símbolo da Medo-Pérsia, conhecida por seu grande tamanho e ferocidade na batalha. Um lado do urso, sendo maior ou mais alto, indica que o império consistia em duas divisões: a Média e a Pérsia, o lado superior simbolizando a Pérsia que subiu para uma posição de domínio na aliança. O urso “tinha três costelas em sua boca”, representando

as três principais conquistas da Medo-Pérsia: Babilônia (539 a.C.), Lídia (546 a.C.) e Egito (525 a.C.).

A terceira besta, representando a Grécia, é apropriadamente um leopardo voador, pois suas conquistas foram realizadas com uma velocidade relâmpago e havia um desejo insaciável por novos territórios. Alexandre, o Grande, invadiu a Ásia Menor em 334 a.C. e dentro de dez curtos anos havia conquistado todo o Império Medo-Persa até as fronteiras da Índia. Na profecia, cabeça significa governante ou governo (por exemplo, Isaías 7:8, 9; Apocalipse 13:3, 12). A besta ter quatro cabeças significa que este império acabaria se dividindo em quatro reinos. Alexandre morreu em 323 a.C. e, depois de muita luta interna, seus generais dividiram o império em quatro partes: (1) Antipater e,



mais tarde, Cassandro, ganharam o controle da Grécia e da Macedônia; (2) Lisímaco governou a Trácia e uma grande parte da Ásia Menor; (3) Seleuco I Nicator governou a Síria, Babilônia e grande parte do Oriente Médio (toda a Ásia, exceto a Ásia Menor e a Palestina); e (4) Ptolomeu I Soter controlou o Egito e a Palestina. Um caráter quadripartite é definitivamente atribuído ao Império Grego no capítulo 8.

A quarta besta ou animal representa o Império Romano (Daniel 7:7). Assim como no capítulo 2, a força do ferro é também vista aqui: uma besta “terrível, espantosa e sobremodo forte”. No capítulo 2, o ferro “a tudo quebra e esmiúça” e faz em pedaços. Em Daniel 7:7, a besta “devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava”. Essa besta terrível tinha grandes dentes de ferro, representando seu poder de destruição com o qual o templo de Jerusalém foi destruído (Mateus 24:1-3), assim como Corinto, importante cidade grega (em 146 a.C.). A besta se distinguiu também por ter inicialmente dez chifres, sendo que três deles foram arrancados e em seu lugar surgiu um chifre pequeno com olhos e boca (Daniel 7:8). Mais à frente, o texto explica que os dez chifres “correspondem a dez reis que se levantarão daquele mesmo reino” (o Império Romano foi se desintegrando com a invasão de dez tribos bárbaras); e que o chifre pequeno, surgido após a queda de três das tribos bárbaras (Daniel 7:24), seria um reino diferente em natureza, que atacaria diretamente a Deus e aos Seus servos.

O tempo da aparição do chifre pequeno foi na época em que os Visigodos (508 d.C.), os Vândalos (534 d.C.) e os Ostrogodos (538 d.C.) foram aniquilados, e o imperador Justiniano proclamou o bispo de Roma como “governador de todos os santos sacerdotes de Deus”, exercendo a primazia dentre todos os demais líderes cristãos. Durante o período da supremacia deste poder político-religioso, com raiz e atitude romanas, que se tornou efetivo após o desmembramento de Roma Imperial, nenhum rei era nomeado ou estabelecido sem o consentimento do poder papal. Os 1.260 anos de duração desse reino (Daniel 8:14) iriam se caracterizar pelo domínio de um poder que expressaria doutrinas contrárias a Deus, tentando mudar os tempos e a Lei de Deus, e por meio de opressão, perseguição e morte, atacar os santos do Altíssimo (Daniel 7:25). O chifre pequeno procurou usurpar a Deus no âmbito da história, pois Deus é quem muda os tempos e as estações, “remove reis e estabelece reis” (Daniel 2:21). E somente a Ele pertence o poder e a glória.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

- 1. Como se sente ao saber que Deus predisse tudo o que aconteceria ao longo da história do mundo?**
- 2. Que fatos você experimentou sobre o cuidado e a condução divinas e poderia compartilhar?**
- 3. Quais são seus anseios referente ao futuro da humanidade?**





O JUÍZO

A ESSÊNCIA DA VISÃO

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“CONTINUEI OLHANDO, ATÉ QUE FORAM POSTOS UNS TRONOS, E O ANCIÃO DE DIAS SE ASSENTOU... E SE ABRIRAM OS LIVROS” - DANIEL 7:9-10

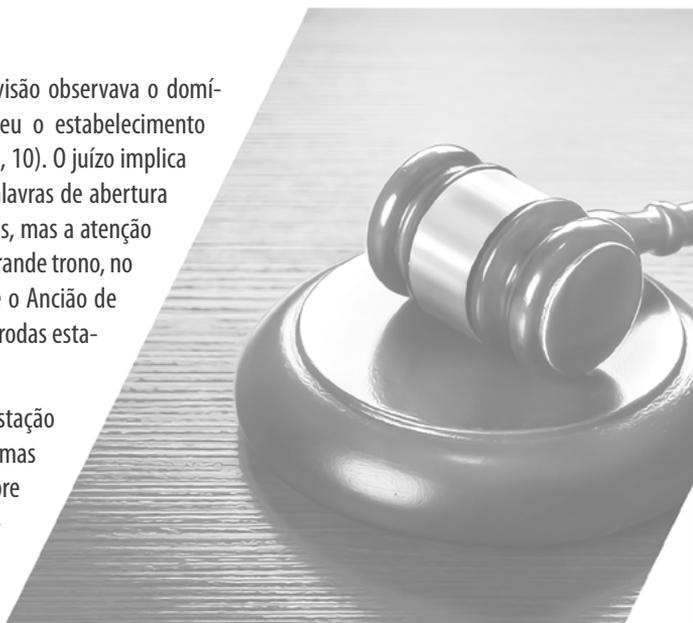
Enquanto Daniel em visão observava o domínio do chifre pequeno, percebeu o estabelecimento de um tribunal no Céu (Daniel 7:9, 10). O juízo implica uma investigação antecipada. As palavras de abertura apresentam uma pluralidade de tronos, mas a atenção é imediatamente direcionada para um grande trono, no qual o próprio Deus toma Seu lugar. Ele é o Ancião de Dias. Seu trono resplandecia como fogo e as rodas estavam envoltas em chamas.

O fogo não representa apenas a manifestação ofuscantemente brilhante do esplendor de Deus, mas o calor feroz do seu julgamento sobre o pecado e sobre todos aqueles que se opõem a Sua lei. Miríades de miríades, ou seja, centenas de milhões de seres celestiais aguardavam o julgamento. De acordo com o verso 11 a besta blasfema contra o homem e contra Deus até o momento em que o tribunal celestial se inicia. Então, de repente, sua boca se cala, sua vida é tirada, e seu domínio é tirado. Embora um restante de seu poder ainda sobreviva (Daniel 7:11-12), isto será por um breve tempo.

Após isso, “um como o filho do homem”, apresenta-se ao Ancião de Dias. Essa expressão identifica a aparência daquele que há de governar o mundo, não apenas como um homem, em contraste com os animais (os quatro impérios do mundo), mas como o Soberano celestial encarnado. Durante o seu ministério terreno, o Senhor Jesus Cristo manteve essa mesma ênfase em Sua natureza encarnada. Ele era verdadeiramente homem e Deus. Nada poderia ser mais claro do que o próprio Jesus considerar Daniel 7:13 como arauto de Si mesmo, ao combinar dois elementos, “um como o Filho do Homem” e “com as nuvens do céu” para

constituir um título messiânico. É bem verdade que os “santos” (literalmente, os santos do Altíssimo) devem compartilhar o triunfo eterno de seu Senhor (verso 22), assim como o Seu reino eterno.

O messiânico Filho do Homem é levado perante o trono do Ancião de Dias para ser premiado com a coroa do domínio universal (verso 13, 14). Isso se refere não a Sua inerente soberania sobre o universo como Deus, mas a Sua nomeação como senhor absoluto e juiz, em virtude de Seu ministério expiatório, que alcançou com uma vida sem pecado (Isaías 53:9), pagando o preço pela redenção do ser humano (Isaías 53:5, 6), e ressuscitando como juiz de toda a raça humana (Atos 17:31; Romanos 2:16).





A universalidade do governo do Filho do Homem é enfatizada em Daniel 7:14: “Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem”. Cristo será a fonte suprema de poder na Terra depois que Seu reino eterno for estabelecido, e todos os seres humanos, redimidos por Sua graça, qualquer que seja a raça, nacionalidade, origem étnica ou idioma, adorarão e servirão a Ele. “Seu domínio” (em contraste com o poder efêmero dos primeiros quatro reinos) “é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído”.

E como resultado, a história humana volta a seu início glorioso, sob o governo do divino Filho do Homem, para amar, obedecer e sujeitar-se à soberania de Deus, e para nunca mais se afastar dEle.

PAUSA PARA DISCUSSÃO

- 1. Que sentimento nasce em seu coração ao saber que Deus é o juiz que julgará todas as coisas?**
- 2. O que passa em sua mente, ao saber que temos alguém que se fez humano, entende nossas lutas, sofrimentos e dor, e nos representa no Céu?**





O JUÍZO - VOCÊ E EU

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“MAS, DEPOIS, SE ASSENTARÁ O TRIBUNAL PARA LHE TIRAR O DOMÍNIO,
PARA O DESTRUIR E O CONSUMIR ATÉ AO FIM” - DANIEL 7:26

O juízo investigativo é um juízo que ocorre no Céu, antes da segunda vinda de Cristo, durante o qual todos os verdadeiros servos de Deus serão julgados favoravelmente, diante do universo observador. Durante este juízo, a vida de todos os que tenham professado servir a Cristo – e que, por isso, estão inscritos no Livro da Vida – passam em revista diante de Deus, que finalmente determina se estão cobertos ou não com o manto de Sua justiça. Se estão revestidos com Sua justiça, e se são verdadeiros seguidores de Cristo, então seus nomes são mantidos nos livros do Céu, seus pecados são apagados, e lhes é dado acesso à Nova Jerusalém. Porém, se sua profissão tem sido isso só uma mera profissão, desprovida do manto da justiça de Cristo, então seus nomes serão apagados do livro da vida e seu acesso à Nova Jerusalém será negado.

O juízo investigativo implicará numa uma sentença condenatória ao poder que perseguiu os santos do Altíssimo (Daniel 7:26), ainda que o juízo comprovativo se realize somente durante o milênio, na presença e com a participação dos próprios santos (Apocalipse 20:4). Já o juízo executivo será realizado depois do milênio, quando Deus eliminará o pecado e os pecadores rebeldes de todos os tempos, estabelecendo Sua justiça eterna (Apocalipse 20:12-15). O juízo será favorável aos santos do Altíssimo. Concluído o juízo no Santuário Celestial, chegará a hora dos santos do Altíssimo tomarem posse do reino (Daniel 7:22).

“A obra do juízo investigativo e extinção dos pecados deve efetuar-se antes do segundo advento do Senhor. [...] Quando se encerrar o juízo de investigação, Cristo virá, e Seu galardão estará com Ele para dar a cada um segundo for a sua obra” (Ellen White, O Grande Conflito, p. 485).

Nossa salvação está em jogo. Deus deseja escrever nossos nomes no Livro da Vida do Cordeiro. Ele nos convida a sermos fiéis a Ele: “O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos” (Apocalipse 3:5). Mas nos adverte que “se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo” (Apocalipse 20:15).





Devemos estar conscientes que no momento mais crítico da história, muito em breve, “se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro” (Daniel 12:1). Nosso desejo e nossa oração é que possamos nos entregar a Deus, sem reservas, para que Ele faça Sua vontade em nossa vida e nos prepare para desfrutar a eternidade com Ele.

PAUSA PARA DISCUSSÃO

- 1. O que passa na sua mente e no seu coração ao conhecer que Deus é o soberano juiz que julga as ações dos homens?**
- 2. Você gostaria de ter Jesus como seu advogado e intercessor?**
- 3. O que você pode fazer para que suas ações se harmonizem com sua fé, de modo que seu nome permaneça no Livro da Vida?**



CHIFRE PEQUENO - PODER E INFLUÊNCIA

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“DE UM DOS CHIFRES SAIU UM CHIFRE PEQUENO E SE TORNOU MUITO FORTE...” - DANIEL 8:9-10

Os animais que aparecem no capítulo 8 de Daniel eram usados no serviço do Santuário terrestre. O carneiro era usado no serviço diário e o bode era usado no serviço anual do Santuário. O anjo explica a Daniel que o carneiro com dois chifres representava os reis da Média e da Pérsia (Daniel 8:3-20). O chifre mais alto, indicava que um dos dois poderes desta dupla monarquia, a Pérsia, seria mais forte que o outro reino, a Média. Os medos-persas conquistaram os outros reinos a seu redor. Ciro conquistou a Lídia (547 a.C.) e a Babilônia (539 a.C.). Cambises estendeu seus domínios pelo sul até o Egito e a Núbia (525 a.C.). Dario Histaspes foi para o norte contra os Escitas (515 a.C.). Já o bode que vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão, representava os gregos (Daniel 8:5). O chifre grande entre os olhos é o primeiro rei, Alexandre, o Grande (Daniel 8:21).



Os gregos venceram os medos-persas na batalha de Arbela (331 a.C.). Pouco tempo depois, Alexandre morreu (323 a.C.), e seu reino foi repartido entre seus quatro principais generais (Daniel 8:22). Vinte anos depois, o reino de Lisímaco foi eliminado e absorvido pelos selêucidas. Com o tempo, as três divisões restantes foram absorvidas pelo Império Romano. De um dos quatro chifres iniciais saiu um chifre pequeno. Esse novo poder cuja aparência e atividade nos faz lembrar o chifre pequeno de Daniel 7:8, é identificado como o Império Romano em suas duas fases, a imperial e a papal.

O chifre pequeno profere palavras arrogantes contra o Altíssimo e ataca os santos de Deus; também “cuidará em mudar os tempos e a lei” (Daniel 7:25). O chifre peque-

no cresceu até atingir o exército dos céus e se engrandeceu (Daniel 8:10, 11, 25). O intento de usurpar a Deus se deu em dois níveis: primeiro, assumiu as prerrogativas do “Príncipe do Exército” que é Cristo (Daniel 8:11), e igual ao chifre pequeno do capítulo 7, tirou dele o sacrifício diário. O sacrifício simboliza a contínua mediação de Cristo e Sua fiel presença entre Seu povo (Êxodo 29:42-46). Segundo, o chifre pequeno desprezou a lei e deitou por terra a verdade. Literalmente, pisou a “verdade” (em hebraico, emeth). No hebraico a verdade é uma ação concreta de obediência a Deus e representa tudo o que seja de acordo com a lei. O chifre pequeno anulou a lei e a observância aos mandamentos. A palavra emeth, derivada da raiz aman, significa obedecer, ser fiel, e implica uma referência a uma autoridade superior.





Três pontos fundamentais tornaram possíveis a criação do sistema papal: primeiro, a deificação do imperador, produzindo o culto imperial que fazia se submeter a todos; segundo, o título de soberano pontífice ou Pontífex Maximus com tudo o que isto implica de união, de trono e altar; terceiro, a perseguição religiosa, ou o emprego do exército ou da guerra para destruir a qualquer que se interpusera nos objetivos imperialistas e de domínio mundial.

PAUSA PARA DISCUSSÃO

1. Você sente, pensa e vê a necessidade que há de sermos fiéis a Deus e aos Seus mandamentos?

2. Depois de conhecer o que acontecerá com as pessoas que se rebelam contra Deus, que argumento você poderia usar para tentar salvar alguém que não teme ao Senhor?





PODER VERSUS PODER

DA SALVAÇÃO DA PERDIÇÃO

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“ATÉ QUANDO DURARÁ A VISÃO DO SACRIFÍCIO DIÁRIO E DA TRANSGRESSÃO ASSOLADORA, VISÃO NA QUAL É ENTREGUE O SANTUÁRIO E O EXÉRCITO, A FIM DE SEREM PISADOS?”
- DANIEL 8:13

Como temos visto até aqui, o chifre pequeno exerceu seu poder fazendo guerra conta os Santos. Por astúcia nos seus empreendimentos, fez prosperar o engano e no seu coração se engrandeceria contra Deus, contra Cristo, o Príncipe dos exércitos do Céu (Daniel 8:25) e destróe a muitos que vivem despreocupadamente (Daniel 8:25). Introduziria um falso dia de adoração, o domingo. Pretendendo trocar os manda Como temos visto até aqui, o chifre pequeno exerceu seu poder fazendo guerra contra os santos do Altíssimo. Por astúcia nos seus empreendimentos, fez prosperar o engano, e no seu coração se engrandeceu contra Deus e contra Cristo, o Príncipe dos exércitos do Céu, destruindo também muitos que vivem despreocupadamente (Daniel 8:25).



O engano que esse poder produziu pode ser visto, por exemplo, na mudança na lei de Deus, os Dez Mandamentos, com a introdução de um falso dia de adoração, o domingo. Além disso, com a instituição de um sacerdócio que pretende perdoar pecados em nome de Deus, com um sistema de salvação por obras, e a introdução de doutrinas e ensinamentos contrários à lei de Deus (Efésios 2:8-10). O chifre pequeno está envolvido em uma luta com o Príncipe do exército, usurpando Suas funções e interferindo nos benefícios que Ele dá a Seu povo, na atividade redentora celestial.

Os “santos” são perseguidos pelo “chifre pequeno” e o Ancião de Dias os leva a um julgamento celestial. Esse julgamento é em favor dos santos do Altíssimo. Então, os santos recebem o reino do Filho do Homem. A imagem é

bastante clara. Os “santos” têm sido atacados pelo poder contrário a Deus, mas são justificados no julgamento. A vindicação dos santos implica a condenação do “chifre pequeno”. Finalmente, esse perseguidor do povo santo será destruído.

Visto que os pecados confessados do antigo Israel contaminaram o santuário terrestre, pode-se dizer que foi indiretamente profanado por Satanás. Ou seja, por meio das tentações de Satanás, membros da comunidade da aliança foram levados a atos de pecado pelos quais o arrependimento e os rituais prescritos de sacrifício no santuário foram instituídos para o genuinamente arrependido. No mesmo sentido, pode-se dizer que o poder do chifre pequeno (como agente satânico), desempenha um papel indireto na contaminação do santuário celestial.





No entanto, devemos ter em mente que a contaminação do santuário celestial não é a verdadeira questão na atividade do “chifre pequeno” em Daniel 8:9-12. A verdadeira questão é uma luta pelo poder do “chifre pequeno” e a agência que está por trás dele para arrancar do Príncipe do exército o controle sobre o plano divino da salvação. Essa luta tem dimensões cósmicas envolvendo o céu, a terra e o triunfo final do amor de Deus em salvar a humanidade caída.

PAUSA PARA DISCUSSÃO

- 1. Apostasia é deixar o caminho da verdade para seguir o caminho do erro. Por que algumas pessoas têm escolhido seguir o caminho errado?**
- 2. O que tem desviado a atenção das pessoas da sincera fidelidade a Deus?**
- 3. Você acha que alguém pode se rebelar contra Deus, Sua verdade ou Sua lei e prevalecer?**



A PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“ELE ME DISSE: ATÉ DUAS MIL E TREZENTAS TARDES E MANHÃS;
E O SANTUÁRIO SERÁ PURIFICADO” - DANIEL 8:14

Daniel 8 nos revela a existência de um Santuário (Daniel 8:11-14) que é jogado por terra pelo chifre pequeno, mediante uma pregação contrária aquilo que implica a existência desse Santuário. Foi por meio do Santuário que Deus deu a ilustração de como Ele lida com o problema do pecado.

No Santuário, Ele apresenta graficamente como pode perdoar (limpar, purificar, justificar) o pecador que reconhece, com arrependimento sincero e humildade, que transgrediu a Sua lei, símbolo de Sua aliança com os homens, e que confiando no Seu Substituto, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29), ele volta à casa perdoado, limpo, justificado e em paz (Romanos 5:1, 2). Quando o pecador era perdoado, seu pecado era simbolicamente transferido, por meio do sangue do cordeiro, para o próprio Santuário (Levítico 4).



Uma vez por ano, no dia da Expição, o Santuário deveria ser purificado (Levítico 16; 23:27-32; Êxodo 30:10). Desse modo, Deus ilustrou objetivamente como o problema do pecado seria eliminado e Seu propósito realizado.

Conforme é visto na profecia, tudo seria levado a efeito no tempo e no momento apresentado pela profecia. Primeiro viria o Império Babilônico; posteriormente o Império Medo-Persa; depois o Império Grego; depois o Império Romano em suas duas fases (imperial e papal). Este último seria um poder que blasfemaria contra Deus, difamaria Seu nome, Seu Santuário, além de guerrear contra os santos (Apocalipse 13:6). Esse poder é composto por

aqueles cujos nomes não estão no Livro da Vida do Cordeiro (Apocalipse 13:8). É o dragão que se opõe ao domínio de Deus (Apocalipse 12:13) e usa seu poder para perseguir o povo de Deus (Apocalipse 13:7). Esse poder recebe do dragão o trono, o poder e grande autoridade (Apocalipse 13:2) sobre cada tribo, povo, língua e nação. Ele seria ferido de morte (Apocalipse 13:4) a terra ficaria maravilhada pela restauração desse poder e o adoraria, seguindo suas ordens.





O TEMPO DA VISÃO PROFÉTICA: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Daniel 8:14). Na Bíblia, a expressão “tarde e manhã” equivale a um dia literal (ver Gênesis 1), mas dentro do contexto das profecias equivale a um ano literal (Números 14:34; Ezequiel 4:7). Dessa forma, as “duas mil e trezentas tardes e manhãs” equivalem a 2.300 anos. Mas, a partir de quando se deveria contar estes 2.300 anos?

O ACONTECIMENTO PROFÉTICO: William Shea declara que Daniel 7 nos apresenta uma sequência linear de tempo, e nos exhibe o seguinte esquema:

“O Santuário será purificado” (Daniel 8:14). O Santuário era purificado anualmente, no Dia da Expição, quando os pecados transferidos durante o ano deveriam ser purificados (Levítico 16; 23:27-32). Mas o templo de Jerusalém foi destruído no ano 70 d.C., então a que Santuário nos referimos?



PAUSA PARA DISCUSSÃO

1. Deus é claro, consistente e objetivo ao nos mostrar que Ele está com Sua poderosa mão ao leme. Então, por que algumas pessoas ainda são tão resistentes em aceitar Seu sacrifício?
2. Uma vez que não são mais oferecidos sacrifícios com sangue de cordeiro para perdão de pecados, como recebemos o perdão de Deus hoje?





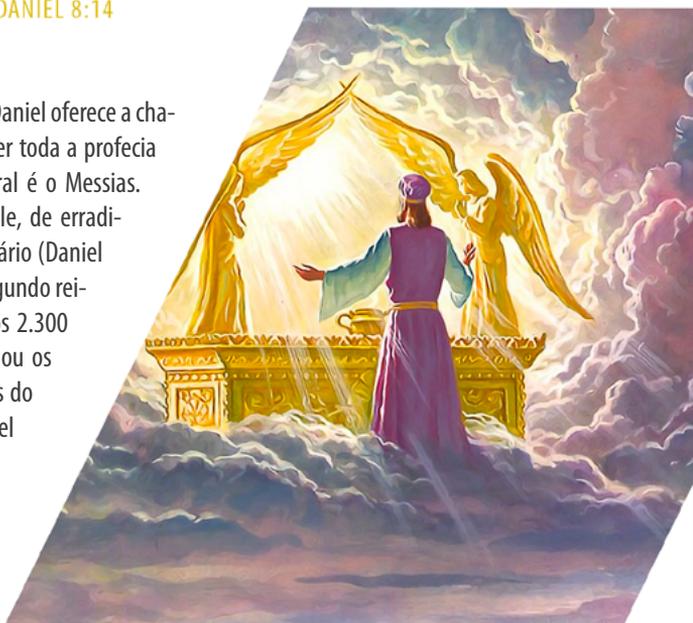
A PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO

PARTE II

PR. MARCO ANTONIO C. WILLS
DISTRITO ALDEOTA - ACE

“ELE ME DISSE: ATÉ DUAS MIL E TREZENTAS TARDES E MANHÃS;
E O SANTUÁRIO SERÁ PURIFICADO” - DANIEL 8:14

O capítulo 9 do livro de Daniel oferece a chave fundamental para compreender toda a profecia do capítulo 8. O personagem central é o Messias. Uma obra contínua é realizada por Ele, de erradicação do pecado e purificação do Santuário (Daniel 9:24-27). Daniel 8 e 9 se iniciam com o segundo reino (medo-persa), com um ciclo paralelo aos 2.300 dias proféticos – a profecia das 70 semanas ou os 490 dias proféticos. Com isso, os acontecimentos do capítulo 9 ajudam a entender a ordem divina (Daniel 9:23, 24) e a visão relativa aos 2.300 dias proféticos (Daniel 9:23; cf. 8:26, 27).



A PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO E O FINAL DOS 2.300 ANOS – Segundo o livro de Hebreus, sem a obra expiatória de Cristo não poderia ser possível a purificação dos pecadores e do Santuário celestial. Existe um propósito primordial e Daniel tem o propósito de nos fazer compreender a atuação do governo de Deus na história humana. Ele nos assegura que tudo está sob o controle de Deus, e Jesus, o Messias, trará o que nos faz falta: o perdão, a justiça eterna e o Reino.

UMA ADVERTÊNCIA – “O santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. Diz respeito a toda alma que vive sobre a Terra. Patenteia-nos o plano da redenção, transportando-nos mesmo até ao final do tempo, e revelando

o desfecho triunfante da controvérsia entre a justiça e o pecado. É da máxima importância que todos investiguem acuradamente estes assuntos, e possam dar resposta a qualquer que lhes peça a razão da esperança que neles há” (Ellen White, O Grande Conflito, p. 488).

Deve-se notar que o impulso de toda visão apocalíptica no livro de Daniel se move para o mesmo grande clímax. No capítulo 2, o grande clímax é alcançado com a chegada da pedra cortada sem auxílio de mão humana, que quebra a estátua inteira em pedaços e enche toda terra. O próprio Deus estabelece um reino que nunca será destruído, nem Sua soberania será deixada para outro povo.

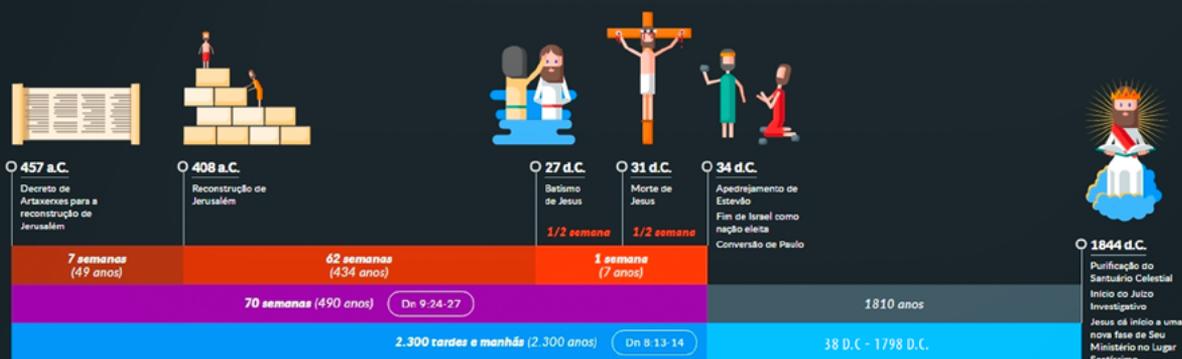


No capítulo 7, o ataque do chifre contra o povo de Deus é seguido por um julgamento e investigação celestial em favor dos santos. Com base nesse julgamento, o povo de Deus se torna o destinatário de Seu reino (verso 14) e eles o terão para todo o sempre (verso 18). Embora o julgamento seja em favor dos santos (verso 22), o subproduto é o fim do domínio do chifre pequeno (versos 26, 27).

Assim, o grande clímax do livro de Daniel não é o julgamento, por mais importante que seja, mas a redenção dos santos e a restauração do reino eterno. Todo o livro de Daniel, com o capítulo 8 ocupando um lugar chave, encontra seu clímax final na restauração do fiel povo de Deus. Nesse momento, um novo ciclo de existência começa para o povo de Deus. O pecado e a morte são vencidos para sempre. Finalmente, o velho se foi e o novo chegou. Esse novo terá duração eterna, assim como todo aquele que tem o nome no Livro da Vida e do Cordeiro.

PAUSA PARA DISCUSSÃO

1. O que você sente, ao saber que Deus está trabalhando de modo incansável para que o pecado finalmente seja erradicado do universo?
2. Você acha que o pecado produz culpa em todos que o pratica?
3. Você já viveu num ambiente cheio de injustiça, maldade e dor? Conte como se sentiu e se tentou fazer algo pra mudar aquele ambiente.



Ataque do chifre pequeno domina e age contra:

- 1 - o exército do céu e as estrelas
- 2 - o Príncipe do exército
- 3 - o ministério do Príncipe
- 4 - o fundamento do Santuário
- 5 - a verdade





Igreja Adventista
do Sétimo Dia®